

Um dia na Aldeia Co

● Texto de Filipe Ribas ● Fotos de Francisco Munia

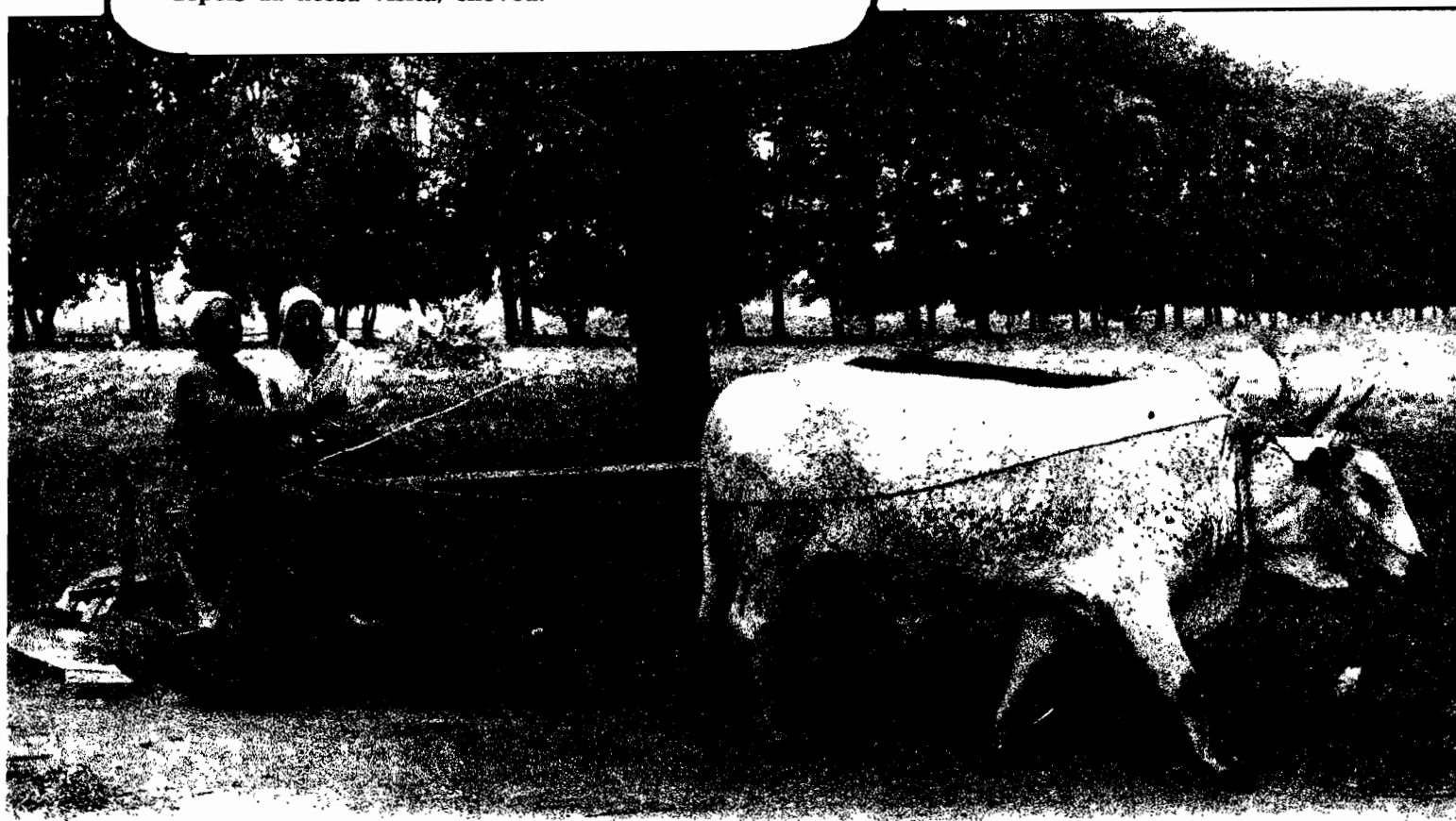
Pouco antes das cinco e meia, chegámos à cooperativa agrícola da Aldeia Comunal Maguiguane, em Magude e já se encontravam alguns camponeses a lavrar a terra. Com as enxadas disponíveis, entregámo-nos também ao trabalho, num gesto que nos fez regressar às nossas próprias origens.

Lançar a enxada de encontro à terra seca, juntar o capim em pequenos montes, engolir a poeira e cuspir sobre as mãos, eram gestos que repetíamos de forma automática. Porque já muito ouvíamos falar da seca, trabalhávamos sem esperança de que aquela terra viesse algum dia a produzir qualquer coisa. Os aldeões, esses, pareciam redobrar as forças, na expectativa de uma chuva compensadora. Quatro dias depois da nossa visita, choveu.

A Aldeia Comunal Maguiguane fica situada na margem esquerda do rio Incomáti, disfrutando, por isso, de excelentes condições para a prática da agricultura. A proximidade com o rio facilita, por outro lado, o abastecimento de água para os aldeões.

Muito embora o Incomáti esteja quase completamente seco na zona de Magude e o seu leito se encontre muito abaixo das terras de cultivo, a vida não tem sido muito difícil para as populações da Aldeia Comunal Maguiguane.

No entanto, não é apenas a si-



tuação geográfica da Aldeia Comunal que a torna hospitaleira, mas sim o esforço de homens organizados para tudo fazerem colectivamente. A verdade é que Magude é uma zona atingida pela seca e a fome ameaça continuamente homens e gado, mas na Aldeia Co-

munal

munal as coisas tornam-se diferentes porque são muitas cabeças a pensar e são braços unidos que lutam por transformar a terra.

Confirma o facto de a aldeia comunal possuir mais de trinta poços para abastecimento de água. A terra ali é tão dura que é preciso cavar durante uma semana



Os primeiros cooperativistas que chegaram à machamba



Na cooperativa de cerâmica, a máquina para a qual os cooperativistas necessitam de um burro

A esquerda: Um dos tropicultores com que os camponeses contam no seu trabalho de lavrar a terra

para encontrar água e nesse trabalho são necessários muitos homens.

Com mais de trinta poços para abastecer seiscentas e dez famílias, agrupadas em três bairros, isto vem a dar a média de menos de vinte famílias por cada poço. Este aspecto constitui não só uma garantia contra bichas, mas também um esforço de reduzir ao mínimo as distâncias a percorrer para carregar água. Os resultados são quase os mesmos de onde existe água canalizada.

A VIDA NA ALDEIA

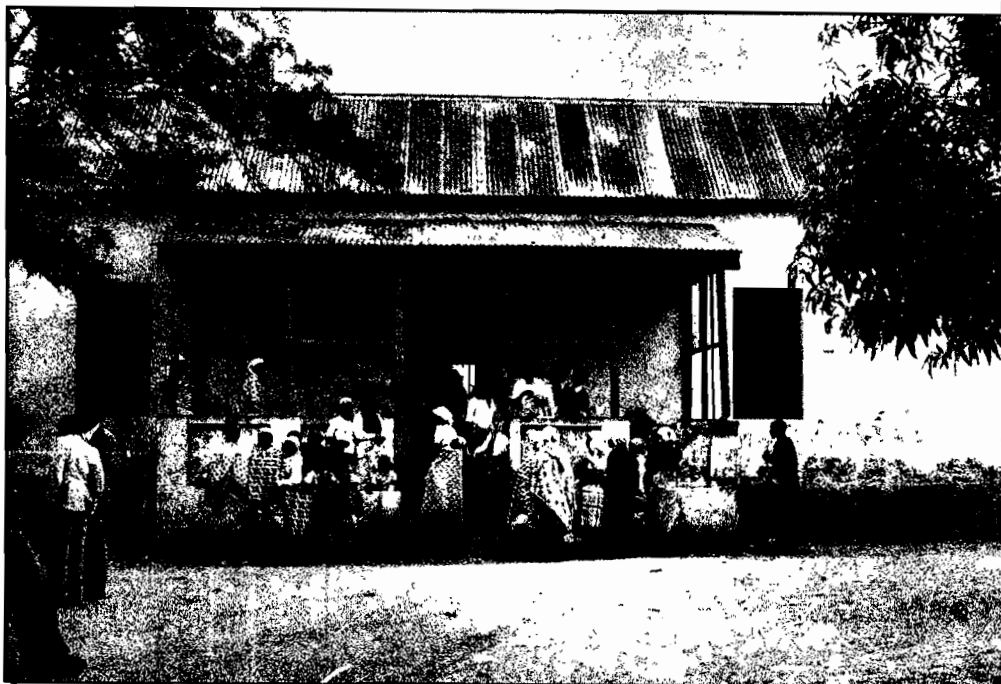
Os aldeões são despertados pela rádio local que, a partir das quatro e meia, emite do centro comunal. Uma hora depois os cooperativistas agrícolas começam a afluír à machamba da aldeia comunal.

A cooperativa agrícola tem duzentos e trinta e nove membros, sendo o trabalho distribuído segundo os bairros em que eles residem. A cooperativa dispõe de uma machamba de hortícolas, com couve, tomate, cebola, alho, feijão, batata-doce e outras culturas, geralmente produzidas em quantidades suficientes para abastecer a aldeia comunal.

Para este tipo de culturas, a seca não constitui problema algum, uma vez que são de rega e a machamba está mesmo à beira rio. Aliás, todos os aldeões contactados, foram unânimes em afirmar que a co-



«Talvez seja pela seca que estamos a perder» — Jaime Napoleão Machavene — Presidente da Cooperativa Agrícola da Aldeia Comunal Eduardo Mondlane



Cooperativa de Consumo: um local de encontro entre os aldeões, logo após o trabalho

lheita dará para fornecer hortícolas a todas as famílias da aldeia comunal.

No dia em que visitámos a Aldeia Comunal Maguiguane, os cooperativistas estavam a trabalhar numa machamba de mandioca, que pode também produzir milho. Trata-se de uma machamba em que, geralmente, trabalham os mais idosos — pois nesta aldeia faz-se alguma coisa para proteger a velhice.

Se neste momento a machamba só está a produzir mandioca e não milho ou amendoim, é devido ao problema da seca. No entanto, os aldeões têm projectada a abertura

de alguns poços no meio da própria machamba, a fim de introduzir o sistema de rega para estas culturas. Para o efeito, segundo declararam, bastará uma semana de trabalho árduo para que o problema da água esteja completamente resolvido.

Para apoiar o seu trabalho, os cooperativistas possuem uma charrua e dois tropicultores e dez cabeças de gado. Parte deste gado é usado para puxar quer a charrua quer os tropicultores, para além de ajudar no transporte de várias coisas que a aldeia comunal precisa.

A partir das nove horas, os cooperativistas já estão libertados do



Aspecto da casa de cultura da Aldeia Comunal Eduardo Mondlane

trabalho da machamba e dirigem-se à cooperativa de consumo para fazerem as suas pequenas compras.

PEQUENA INDÚSTRIA

A vida dos habitantes da aldeia comunal não se resume apenas à cooperativa agrícola. Enquanto uns vão à machamba, outros vão às cooperativas de cerâmica, de costura, de consumo e de criação de porcos — para além dos professores que respondem por todo o ensino primário na aldeia comunal.

A cooperativa de cerâmica pode orgulhar-se de ter uma produção de tijolos em quantidade suficiente para suprir as necessidades de construção que constam nos projectos da aldeia comunal. Mas não

sar o barro. Dinheiro temos, mas ninguém aparece a vender o burro.

A cooperativa de cerâmica com-prometeu-se a produzir tijolos para a construção de uma nova sede da cooperativa de consumo, bem como para apoiar a construção do novo hospital, que se encontra numa fase adiantada.

A outra cooperativa existente na aldeia comunal é a de costura, que confecciona roupa para os aldeões e vende para outras pessoas de fora da aldeia comunal. Além da cooperativa de costura, há também a de criação de porcos, que conta, neste momento, com quarenta e cinco suínos.

A escola primária da aldeia comunal tem todas as classes desde

a primeira até à quarta classe e dispõe de cinco professores.

Os alunos não têm falta de cadernos nem de livros, apenas enfrentam o problema da falta de carteiras. Com materiais locais, conseguiram fazer bancos onde se sentam para assistir às aulas.

A aldeia comunal tem também um serviço de alfabetização e educação de adultos, com cento e cinquenta e um alunos e cinco professores. As aulas de alfabetização têm lugar logo após o trabalho, isto é, a partir das dez horas.

Sítio de muito movimento e de convergência entre todos os aldeões vindos dos locais onde tenham estado a trabalhar, é a cooperativa de consumo da aldeia comunal. Uma cooperativa de consumo que, para as necessidades da aldeia e tomando em consideração o problema geral da falta de géneros, está bem abastecida.

Com efeito, a cooperativa tem arroz, farinha de milho, sal, fósforos, sapatilhas, molas para roupa e muitas outras coisas. Não faltam também catanas e enxadas na cooperativa de consumo, instrumentos bastante necessários para o trabalho do campo.

Depois das habituais compras na cooperativa, cada aldeão dirige-se ao seu domicílio e fica livre durante o resto do dia. Uns dedicam



O futuro restaurante e pequeno hotel que está em construção

só. A sua produção de tijolos já foi alvo de atenções, de tal forma que, neste momento estão a responder a uma encomenda de Maputo. Não que sejam quantidades industriais, mas os aldeões sentem-se muito estimulados por saberem que estão a fazer tijolos para Maputo.

Madalena Valentim Machel, responsável da cooperativa de cerâmica, em contacto com a nossa reportagem, declarou que só «lamentamos por termos apenas um molde, porque, de resto, a nossa produção poderia ser mais diversificada». Não é só isso «temos também o problema da falta de um burro para puxar aqui a máquina de amas-

Uma das turmas de alfabetização, na Aldeia Comunal Eduardo Mondlane





Não há falta de cadernos nem de livros, mas de salas e carteiras onde os alunos possam escrever mais à vontade

parte do tempo livre para cultivar pequenas machambas familiares, outros entregam-se ao convívio consumindo um pouco de bebida tradicional — geralmente feita de açúcar e farinha de milho. Assim é a vida na Aldeia Comunal Maguigane, onde não há homens nem mulheres que não produzam.

UM CASO DIFERENTE

Quando chegámos à Aldeia Comunal Eduardo Mondlane, em Maracuene, as estruturas políticas encontravam-se numa reunião para analisar os motivos que levavam muitos aldeões a abandonarem a cooperativa agrícola. Com efeito, neste momento a cooperativa agrícola só tem cerca de trinta membros, quando em tempos já teve mais de uma centena.

Jaime Napoleano Machavane, Presidente da cooperativa agrícola, é quem esclarece que «talvez seja o problema da seca que faz com que estejamos a perder muitos membros. Assim, as pessoas estão convencidas de que terão mais rendimentos se trabalharem nas suas machambas pessoais».

Apesar desta seca, que se poderá considerar como sendo a razão para que os aldeões abandonem a cooperativa, os poucos que se mantiveram conseguiram uma produção de 1300 quilogramas de milho na última colheita. Esta quantidade é bem significativa para cerca de trinta famílias.

«A nossa vontade era produzirmos arroz, porque temos forças para isso e é nossa tradição, mas a água do rio está salgada devido à falta de força do caudal para empurrá-la até ao mar». É ainda o Presidente da cooperativa agrícola que nos esclarece esta situação, acrescentando lamentar que não possam produzir amendoim exactamente pelo mesmo problema da seca. Neste momento, a única coisa que os cooperativistas estão a fazer é preparar condições para a plantação de hortícolas.

Outro foco de actividade na Aldeia Comunal Eduardo Mondlane é a construção de um restaurante e de um pequeno hotel. Trata-se da recuperação de uma casa que se encontrava meio destruída e que se situa mesmo à beira da Estrada Nacional n.º 1.

Este empreendimento, cuja conclusão se prevê para meados de Agosto, é possível que venha a dar alguns lucros à aldeia comunal, visto situar-se mesmo à beira da estrada. Só que investimentos desta natureza não deviam ser tomados como uma grande prioridade numa aldeia comunal. Há muitas outras coisas em que os aldeões poderiam concentrar as suas atenções.

Outra obra de interesse na aldeia comunal é a casa de cultura que está em fase adiantada de construção. Ela é bastante ampla e disporá de uma série de condições, quer para convívios, quer para projecção de filmes e mesmo de um pequeno serviço de bar.

A Aldeia Comunal Eduardo Mondlane também tem uma cooperativa de costura, que dispõe de duas máquinas.

No centro comunal funcionam aulas de Alfabetização de Educação de Adultos, com duas turmas. As aulas ocupam quase todo o período da tarde, a partir das catorze horas.

□